

O OLHAR DE JOSÉ JUAN MAR

Ainda que correndo o risco de não contemplar em toda a sua riqueza de promessas (e já realizações) a personalidade criadora de José Juan Mar, penso que ela se vem manifestando em duas direcções. A primeira, por uma inteligência ordenadora que, de acordo com esta interpretação, responderia à necessidade de equilíbrio e harmonia do artista, como se ele estivesse à procura de um sentido para o mundo a partir do conceito que tem da sua própria identidade pessoal. A segunda, por uma tendência instintiva, talvez por isso mais evidente, para o disperso, o impreciso, o fragmentado, que o aproximariam de um certo gestualismo. A conciliação destes contrários, ou, por outras palavras, o plano da sua síntese, encontra-se, segundo o meu modo de ver, no espírito e na visão de raiz claramente expressionista que atravessa as obras de José Juan Mar. Esta raiz é o que unifica a diversidade dos modos expressivos do seu trabalho, sejam eles a colagem, a instalação ou a pintura.

A primeira das direcções enunciadas, a de uma inteligência ordenadora e organizadora de espaços, quase de teor arquitectónico, surge em particular na instalação e na colagem. Aí se manifesta a procura de um sentido, o sentido que subjaz, o sentido que está por trás do visível. O âmbito em que se projecta a segunda direcção, a do gesto que, ao mover-se, parece duvidar entre a disciplina da necessidade e o arbítrio da liberdade, é, preferentemente, o da pintura. Porém, tanto num caso como no outro, o artista assume, como algo que visceralmente lhe pertence, aquilo que sabe ser inseparável da sua personalidade de homem e de criador, o olhar que herdou do Expressionismo, esse mesmo que trouxe novamente o drama do homem à obra plástica. Que, feitas as contas, é o que mais interessa e importa a José Juan Mar.

José Saramago